ISSN: 2358-8829

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO E O PROTAGONISMO SURDO

Wender Paulo de Almeida Torres [1]
Bruna Barros Cardoso [2]
Iara Maria da Silva Vieira [3]
Sheila Maria Ferreira Paz [4]
Samara Cavalcanti da Silva [5]

INTRODUÇÃO

A inserção de estudantes surdos nas atividades pedagógicas e culturais do Ensino Médio exige mais que a presença desses sujeitos nos espaços escolares. Requer condições para que participem dos processos de interpretação, criação e circulação de conhecimentos, com reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e das formas visuais de experiência. Quando a literatura e a contação de histórias se organizam exclusivamente a partir de parâmetros orais, estudantes surdos podem ser colocados na posição de destinatários secundários da narrativa. A reorganização dessas práticas abre possibilidades para que a língua de sinais integre a própria construção do acontecimento literário.

A contação de histórias não se reduz à transmissão de um enredo já escrito. Trata-se de uma atividade em que escolhas expressivas, interação entre narrador e público, temporalidade e construção de imagens participam da produção de sentidos. Em língua de sinais, essas escolhas envolvem recursos linguísticos específicos, como movimentos, expressões não manuais, localização espacial e alternância de perspectivas. Sutton-Spence (2021) discute a

[1]Mestrando em Educação Inclusiva pelo PROFEI, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: wender.torres.profei.t5@alunos.uneal.edu.br.

[2]Mestranda em Educação Inclusiva pelo PROFEI, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: bruna.cardoso.profei.t5@alunos.uneal.edu.br.

[3]Mestranda em Educação Inclusiva pelo PROFEI, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: iara.vieira.profei@alunos.uneal.edu.br.

[4]Mestranda em Educação Inclusiva pelo PROFEI, Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: sheila.paz.profei@alunos.uneal.edu.br.

[5]Professora orientadora, doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professora adjunta da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: samaramelo@uneal.edu.br.

ISSN: 2358-8829

complexidade estética da literatura em Libras, considerando narrativas, contos e recursos próprios dessa língua; Karnopp (2008) relaciona as histórias sinalizadas à circulação de experiências culturais das comunidades surdas.

No ambiente escolar, uma narrativa apresentada em Libras pode contribuir para deslocar a percepção da língua de sinais como recurso meramente compensatório. Brito e Ribeiro (2022), ao examinarem a contação de histórias em Libras e suas possibilidades didáticas, destacam as dimensões linguística, cognitiva e cultural dessa atividade. Embora seu estudo focalize a educação de surdos no Ensino Fundamental, suas reflexões oferecem parâmetros pertinentes para discutir a apresentação de histórias sinalizadas diante de adolescentes ouvintes, desde que sejam respeitadas as diferenças de etapa escolar, público e contexto.

É nesse horizonte que se insere o projeto Tácito e Silente: histórias sem som, desenvolvido em uma escola de Ensino Médio do Agreste Meridional de Pernambuco. O resumo que fundamenta este artigo informa que a atividade tomou como ponto de partida o livro Histórias que curam, reinterpretado em uma perspectiva visual e multilíngue. A proposta teve como objetivo valorizar a contação em Libras e promover a sensibilização de adolescentes ouvintes em relação à diversidade linguística e à convivência com pessoas surdas. O projeto foi estruturado em três etapas: leitura e interpretação do texto, tradução criativa e apresentação com mediação pedagógica.

O aspecto distintivo dessa experiência foi a participação de um estudante surdo na condição de narrador principal. Seu papel não foi descrito como participação acessória, ilustração da temática ou simples destinatário da inclusão; o relato indica que a narrativa em Libras foi organizada a partir de sua atuação, utilizando componentes visuais, corporais e espaciais. A presença do estudante como narrador oferece uma oportunidade de discutir os sentidos pedagógicos do protagonismo surdo em uma atividade dirigida também aos colegas ouvintes.

O objetivo geral deste artigo é analisar, com base no registro da experiência, de que modo uma proposta de contação de histórias em Libras pode articular literatura visual, protagonismo de estudante surdo e sensibilização da comunidade escolar. Especificamente, procura-se caracterizar o percurso pedagógico documentado, relacionar a ação a estudos sobre literatura sinalizada e linguagem visual e examinar as repercussões observadas, sem converter percepções relatadas em resultados mensurados ou generalizáveis.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

O estudo é uma pesquisa de abordagem qualitativa, estruturada na perspectiva da pesquisa-ação, articulada a uma intervenção pedagógica em contexto escolar. Sua finalidade foi enfrentar dificuldades de convivência e ampliar o reconhecimento da participação surda entre estudantes ouvintes. Neste artigo, adota-se a denominação de relato analítico de experiência vinculada a uma proposta de pesquisa-ação, pois permite descrever a intervenção e suas observações, acompanhamento e reavaliação exigidos para uma demonstração metodológica completa.

A cautela é coerente com Tripp (2005), para quem a pesquisa-ação pressupõe investigação sistemática da própria prática, com articulação entre intervenção, produção de evidências e reflexão sobre mudanças. A realização de uma atividade escolar, por si só, tomada isoladamente, não comprova a existência de ciclos formais de pesquisa-ação. Assim, o caráter interventivo declarado é preservado, para tal se acrescentam instrumentos, protocolos de observação, reuniões avaliativas ou procedimentos de análise.

O cenário foi uma escola de Ensino Médio localizada no Agreste Meridional de Pernambuco. A descrição identifica a participação de um estudante surdo como narrador principal e a presença de adolescentes ouvintes como público da experiência. Não há indicação do nome da escola, do número de participantes, da série cursada pelo narrador, da duração do projeto ou da data de sua realização. Nenhum desses dados foi inferido a partir de outras experiências ou documentos não relacionados a esta ação.

O percurso foi organizado em três momentos. Primeiro, houve leitura e interpretação do texto de partida; em seguida, uma tradução criativa orientada por possibilidades visuais e linguísticas; por último, uma apresentação das histórias acompanhada de mediação pedagógica. O livro utilizado foi identificado apenas pelo título Histórias que curam. Como o resumo não especifica autor, edição, capítulos ou passagens, não se atribuem a esse livro conteúdos específicos nem se apresenta uma referência bibliográfica de edição não comprovada. A descrição não permite afirmar a quantidade de histórias narradas ou os recursos técnicos usados na apresentação.

Para a análise, foram construídos quatro eixos descritivo-interpretativos com base nas informações registradas: (a) o texto literário e sua reelaboração na perspectiva visual; (b) a narrativa em Libras como performance expressiva; (c) o estudante surdo como narrador e agente de produção cultural; e (d) as observações sobre sensibilização, interesse pela Libras e reconhecimento no ambiente escolar. Esses eixos organizam a discussão do presente artigo; não

ISSN: 2358-8829

são apresentados como categorias derivadas de entrevistas ou de codificação sistemática de material empírico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da experiência articula literatura surda, narrativa visual, direitos linguísticos e práticas de participação escolar. Trata-se de dimensões relacionadas, mas não equivalentes: a literatura produzida em Libras possui possibilidades estéticas próprias; a tradução ou a adaptação de um texto escrito para língua de sinais configura outro tipo de trabalho; a acessibilidade da apresentação envolve condições concretas de recepção por públicos distintos. A distinção evita atribuir a uma atividade escolar características artísticas ou bilíngues não demonstradas no registro.

Literatura surda, literatura em Libras e visualidade

Karnopp (2008) apresenta a literatura surda como prática que reúne histórias, narrativas, poemas, piadas e outras formas culturais circulantes nas comunidades surdas. A autora chama atenção para a importância do registro audiovisual na preservação de produções que historicamente eram compartilhadas em encontros presenciais, muitas vezes sem documentação duradoura. Essa discussão permite reconhecer que uma narrativa sinalizada não constitui simples reprodução manual de frases em português: sua organização participa de tradições expressivas em que língua, experiência e visualidade são indissociáveis.

Sutton-Spence (2021) sistematiza os recursos artísticos da literatura em Libras, abordando a produção de narrativas e contos, a linguagem estética e a relação entre literatura e sociedade. A exploração do espaço de sinalização, das expressões faciais e corporais e da construção de personagens constitui parte da elaboração artística. Para uma atividade de contação, essas contribuições orientam o olhar para as escolhas do narrador e para a forma como o público acessa o enredo, sem pressupor que todas as apresentações em Libras sejam automaticamente obras originais de literatura surda.

Garcia (2026) retoma conceitos e classificações da literatura surda e destaca a articulação verbo-visual da língua de sinais na produção de valores culturais e identitários. Nesse horizonte, uma adaptação de obra escrita, como a mencionada no projeto Tácito e Silente, precisa ser descrita pelo que efetivamente se sabe: houve uma tradução criativa e uma apresentação em Libras. A existência de uma transformação visual é documentada, mas o resumo não fornece amostras da narrativa para identificar procedimentos específicos de adaptação, recriação de personagens ou novos elementos de enredo.

ISSN: 2358-8829

Costa e Ribeiro (2018) analisam representações da surdez em obras literárias e demonstram que experiências e posicionamentos dos sujeitos participam da construção dessas narrativas. Essa perspectiva é útil para pensar quem é autorizado a contar e como sua participação é reconhecida. Entretanto, o projeto de contação foi descrito como produção autobiográfica do estudante surdo. O vínculo teórico é, portanto, com a possibilidade de ampliar a circulação de vozes e formas de expressão, e não com uma alegada identidade entre o livro utilizado e a literatura autobiográfica surda.

Contação de histórias em Libras e mediação pedagógica

Brito e Ribeiro (2022) investigam contribuições da contação de histórias em Libras para a educação de surdos, articulando conceitos dos Estudos Surdos e possibilidades didáticas relacionadas a narrativas sinalizadas. Seu trabalho examina materiais audiovisuais e indica a relevância dessa prática para o desenvolvimento de dimensões linguísticas, cognitivas e culturais. O texto oferece um parâmetro pertinente para discutir a potência formativa da contação; não autoriza, contudo, afirmar que os mesmos efeitos tenham sido medidos nos estudantes ouvintes que participaram do projeto ora relatado.

Franco (2022), ao propor o trabalho com uma fábula por meio de materiais bilíngues, discute a contação de histórias como ocasião de interação entre estudantes surdos e ouvintes. A pesquisa oferece aproximação com a ideia de tradução criativa presente no resumo de Tácito e Silente, especialmente por tratar a literatura como prática que pode articular língua de sinais, leitura e formas visuais de representação. Mesmo com essa aproximação, é necessário distinguir a proposta pedagógica examinada pela autora da experiência concreta deste artigo, cujos recursos e materiais foram disponibilizados para análise.

Andrade, Matos e Dessbesel (2023) investigam o ensino de Arte em escola bilíngue e ressaltam possibilidades de comunicação, expressão de sentimentos e construção de sentidos no trabalho artístico com estudantes surdos. Macedo (2021) também discute relações entre arte, cultura e identidade surda. As duas referências ajudam a compreender que a performance de um narrador sinalizante comporta uma dimensão estética, mas não a reduzem a um espetáculo visual: o sentido pedagógico depende da inserção da língua, da mediação e do lugar ocupado pelos participantes na elaboração da atividade.

Libras, direitos linguísticos e reconhecimento do estudante surdo

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, descrevendo-a como sistema linguístico de natureza visual-motora e

ISSN: 2358-8829

com estrutura gramatical própria (Brasil, 2002). O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamenta esse reconhecimento e dispõe sobre o uso e a difusão da Libras em diferentes espaços, incluindo o educacional (Brasil, 2005). Esses dispositivos fornecem sustentação normativa para práticas que não reduzam a língua de sinais a gestos ilustrativos ou a um instrumento secundário.

A Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, incluiu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional disposições específicas sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos, com Libras como primeira língua e português escrito como segunda língua nos contextos previstos em lei (Brasil, 2021). A experiência discutida ocorreu em escola de Ensino Médio e com público ouvinte, não havendo elementos para afirmar que a instituição funcionasse como escola bilíngue. A legislação é aqui mobilizada como referência de respeito à diversidade linguística e não como comprovação de cumprimento integral de uma modalidade educacional pela escola.

Ao tratar da presença de um estudante surdo como narrador principal, é necessário diferenciar reconhecimento e atribuição de responsabilidade individual. Uma prática inclusiva não pode depender exclusivamente do esforço do estudante para que os colegas conheçam sua língua. O protagonismo registrado ganha maior sentido quando visto como participação em uma proposta planejada, mediada pedagogicamente e capaz de problematizar as relações comunicacionais entre ouvintes e surdos. Nessa direção, a literatura e a arte podem contribuir para ampliar a visibilidade de repertórios culturais sem transformar a pessoa surda em objeto de demonstração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados a seguir decorrem exclusivamente do resumo da experiência. A interpretação foi organizada segundo o percurso descrito e as repercussões observadas. O interesse principal reside em compreender de que modo a estrutura da proposta criou condições para a visibilidade da Libras e para a atuação de um estudante surdo no papel central da contação de histórias.

Da leitura à tradução criativa: a reorganização da narrativa

O primeiro momento da proposta foi a leitura e interpretação do texto de partida. Essa etapa caracteriza a aproximação com a obra literária e antecede as escolhas que organizaram sua apresentação. O resumo esclarece que a leitura ocorreu individualmente sem apoio de recursos específicos.

ISSN: 2358-8829

O segundo momento foi descrito como tradução criativa. A expressão sugere uma passagem entre linguagens que não se limita à substituição automática de palavras por sinais, mas a referência empírica da reelaboração. Essa cautela é especialmente necessária quando se consideram as especificidades da Libras como língua visual-motora, reconhecidas legalmente e exploradas na literatura de Sutton-Spence (2021). A criação de sentidos em língua de sinais pode exigir escolhas discursivas diferentes das presentes em um texto escrito, sem que seja legítimo atribuir ao projeto operações técnicas não registradas.

A articulação entre leitura e tradução criativa permite discutir a acessibilidade como parte do planejamento e não apenas como recurso acrescentado ao final da atividade. Neste, a perspectiva visual e multilíngue integra o desenho do projeto. Ao contrário de um procedimento que considera o texto literário pronto e reserva ao estudante surdo apenas o acompanhamento de uma apresentação oral, a proposta atribuiu centralidade à narrativa em Libras. Esse deslocamento se aproxima das reflexões de Franco (2022) sobre possibilidades de propostas literárias bilíngues, embora as condições concretas das duas experiências sejam distintas.

A narrativa em Libras como expressão corporal, espacial e visual

No terceiro momento, o estudante surdo conduziu a apresentação das histórias em Libras, conforme o registro da experiência. O texto destaca o emprego expressivo de componentes visuais, corporais e espaciais. São elementos compatíveis com a organização da língua de sinais e com a dimensão estética discutida por Sutton-Spence (2021) e Garcia (2026).

Uma contação em Libras pode ampliar o repertório de experiências comunicacionais dos estudantes ouvintes, pois torna perceptível que uma narrativa articulada linguisticamente não depende necessariamente de sons. A atividade permite deslocar o olhar sobre o corpo do narrador: ele não aparece como uma tradução deficiente de um discurso oral, mas como parte de uma linguagem organizada e expressiva. Essa leitura articula a experiência aos estudos de Karnopp (2008), que reconhece a tradição das histórias sinalizadas, e de Macedo (2021), que examina a arte como dimensão da cultura surda.

Esse aspecto também permite discutir o título Tácito e Silente: histórias sem som. No âmbito do projeto, a referência à ausência de som deve ser compreendida como possibilidade de imaginar outras formas de narrar, e não como ausência de linguagem, conteúdo ou interação. A Libras possui estrutura gramatical própria (Brasil, 2002), e a contação realizada em língua de sinais pode ser portadora de criação literária e de conhecimentos. A expressão do título, portanto, não deve conduzir a uma concepção de silêncio como vazio comunicacional.

ISSN: 2358-8829

A dimensão visual da experiência ganha densidade quando associada à mediação pedagógica. O resumo informa que a apresentação contou com momentos de mediação, mas não descreve sua condução nem a reação de participantes individualmente identificados. É possível interpretar a mediação como componente do planejamento que favoreceu o diálogo entre narrador e público, sem alegar que tenham ocorrido debates específicos ou avaliações posteriores. Brito e Ribeiro (2022) oferecem base para refletir sobre o uso didático de histórias em Libras, mas suas conclusões não são transferidas automaticamente para este público de Ensino Médio.

O estudante surdo como narrador: protagonismo e posição na escola

O fato mais expressivo do relato é a escolha do estudante surdo como narrador principal. Sua atuação foi descrita como eixo estruturante da experiência, configurando uma situação na qual a Língua Brasileira de Sinais ocupou o centro da apresentação. Em vez de tratar o estudante somente como receptor de apoio, o projeto lhe reconheceu uma função diretamente relacionada à criação de sentidos e ao compartilhamento de uma história com os colegas ouvintes. Essa posição distingue a iniciativa de atividades que abordam o tema surdez sem participação efetiva de sujeitos surdos.

O protagonismo, contudo, não deve ser lido como atributo natural decorrente da condição surda. Ele se constitui em relações concretas de participação e reconhecimento, envolvendo decisões pedagógicas e oportunidades concedidas aos estudantes. O resumo permite afirmar que houve uma posição de narrador principal e que ela integrou o planejamento; não permite estabelecer o grau de autonomia na escolha do repertório ou na preparação das etapas. Essa delimitação é coerente com as reflexões de Costa e Ribeiro (2018), que apontam a importância de observar como experiências surdas são representadas na literatura.

As informações deste indicam que o protagonismo fortaleceu a autoestima do estudante e seu reconhecimento no espaço escolar. A formulação é apresentada como resultado observado. Ainda assim, é pertinente discutir que a ocupação de um lugar central em atividade cultural pode favorecer reconhecimento simbólico, tal como sugerem os debates sobre literatura, identidade e cultura surda (Karnopp, 2008; Garcia, 2026).

Sensibilização dos colegas, interesse pela Libras e alcance dos resultados

O texto registra duas repercussões associadas aos adolescentes ouvintes: maior sensibilidade em relação às necessidades comunicacionais das pessoas surdas e interesse em

ISSN: 2358-8829

aprender Libras. São resultados qualitativamente importantes para os objetivos do projeto, pois sinalizam recepção positiva de uma atividade centrada na língua de sinais.

A sensibilização possui um alcance educativo específico. Ela pode criar oportunidades de percepção das barreiras que atravessam interações entre estudantes surdos e ouvintes, mas não assegura que tais barreiras tenham sido removidas de modo permanente. No caso analisado, o projeto tornou visível uma narrativa em Libras em contexto de convivência. O aprofundamento do interesse manifestado pelos ouvintes dependeria de ações continuadas, de acesso à aprendizagem da língua e de iniciativas institucionais que não são descritas no resumo. A distinção evita confundir um resultado inicial promissor com a consolidação de uma política escolar de acessibilidade.

A experiência também permite refletir sobre limites da própria ideia de inclusão quando ela se apoia em uma atividade pontual. Uma apresentação literária pode contribuir para o reconhecimento de diferentes linguagens, mas não substitui condições permanentes de ensino, comunicação e participação. A legislação brasileira sobre Libras e educação bilíngue de surdos estabelece marcos relevantes (Brasil, 2002; Brasil, 2005; Brasil, 2021), enquanto as pesquisas de Franco (2022), Andrade, Matos e Dessbesel (2023) e Brito e Ribeiro (2022) mostram possibilidades de atuação pedagógica. O diálogo entre normas e práticas, porém, precisa ocorrer de modo sistemático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência Tácito e Silente: histórias sem som possibilitou discutir o protagonismo surdo no Ensino Médio a partir de uma proposta de contação de histórias em Libras. O registro documenta uma ação organizada em leitura e interpretação, tradução criativa e apresentação com mediação pedagógica. O estudante surdo assumiu o papel de narrador principal, utilizando recursos visuais, corporais e espaciais da língua de sinais, em atividade dirigida também aos colegas ouvintes. Esses elementos indicam uma escolha educativa que valorizou a Libras como linguagem de criação e comunicação.

No plano teórico, os trabalhos de Karnopp (2008), Sutton-Spence (2021) e Garcia (2026) sustentaram a análise da narrativa sinalizada e da cultura verbo-visual. As contribuições de Brito e Ribeiro (2022), Franco (2022), Macedo (2021) e Andrade, Matos e Dessbesel (2023) permitiram discutir mediação, arte e possibilidades didáticas da contação. Costa e Ribeiro (2018) ofereceram subsídios para refletir sobre representação e participação; Tripp (2005) auxiliou a delimitar o alcance metodológico da pesquisa-ação declarada no resumo. O aparato

ISSN: 2358-8829

legal foi mobilizado para situar a Libras como língua de direitos, sem equiparar a experiência a uma avaliação de implantação da educação bilíngue.

As repercussões relatadas — sensibilização dos adolescentes para a comunicação com pessoas surdas, interesse em aprender Libras e reconhecimento percebido do estudante narrador — são coerentes com os objetivos apresentados. Por essa razão, o artigo não afirma efeitos generalizáveis, mudanças permanentes ou ganhos específicos de aprendizagem.

A principal contribuição pedagógica consiste em evidenciar que estudantes surdos podem ocupar posições de autoria e narração nos projetos culturais da escola, e que a Libras pode estruturar experiências literárias compartilhadas..

Palavras-chave: Literatura visual; Protagonismo; Socialização; Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renan de Bastos; MATOS, Eloiza Aparecida Silva Ávila de; DESSBESEL, Renata da Silva. A educação de surdos e o ensino de arte no contexto da escola bilíngue. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 36, e72147, 2023. DOI: https://doi.org/10.5902/1984686X72147.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 28 out. 2026.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 28 out. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 28 out. 2026.

BRITO, Lidiane Rodrigues; RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo. Contribuições da contação de histórias em Libras para a educação de surdos. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 31, n. 68, p. 181-199, 2022. DOI: https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n68.p181-199.

COSTA, Bianca Silva Lopes; RIBEIRO, Sátila Souza. A representação da surdez na literatura: vivências e experiências de surdos e familiares de surdos. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 54, p. 101-121, 2018.

FRANCO, Maria Veronica Rodrigues. Ensino de literatura para alunos surdos: a arte de aprender através de materiais didáticos bilíngues. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso

(Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cabedelo, 2022.

GARCIA, Luis Eduardo Veloso. Literatura surda: a arte de uma cultura verbo-visual. Contemporanea: Comunicação e Cultura, Salvador, v. 24, ID 71906, 2026. DOI: https://doi.org/10.9771/contemporanea.v24i1.71906.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Material didático do curso de Licenciatura em Letras-Libras, modalidade a distância.

MACEDO, Yuri Miguel. Arte e educação na cultura surda. Revista AEC&D: Arte, Educação, Comunicação & Design, Manaus, v. 2, n. 3, p. 1-17, 2021.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Literatura em Libras. Tradução de Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/literatura-em-libras/. Acesso em: 28 out. 2026.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009.